



Reprodução/ Internet

Fique de olho!

- Amanhã, o dia é de estreias aguardadas no Multishow. Tatá Werneck começa a 6ª temporada do *Lady Night* recebendo Marcos Mion. Antes, Ludmilla é a estrela da série documental *Rainha da favela*
- O documentário *Johnny Test e a grande viagem do bolo de carne* estreia terça, na Netflix
- A primeira temporada de *A roda do tempo* é o destaque de sexta-feira, no Amazon Prime Video
- Enquanto na Netflix, a estreia é *Cowboy bebop*



Ary Fontoura em cena da novela *Amor com amor se paga*

Brilhante desde (muito) antes da pandemia

A pandemia veio e trouxe, há cerca de dois anos, palavras que passaram a fazer parte do nosso vocabulário rotineiro. Uma delas é reinventar. Foi um tal de “fulano está se reinventando” para tudo que é lado. Nas artes, foram muitos os exemplos de cantores e atores que aproveitaram a adversidade e, para não enlouquecer, criaram, extravasaram, jogaram tudo para o ar!

Um deles foi o grande ator Ary Fontoura. Um dos maiores nomes da nossa teledramaturgia se entregou a stories e postagens no feed do Instagram apenas levando a vida na quarentena. Mas ele é genial mesmo fazendo o que, naquele momento, era necessário que ele mesmo fizesse: de cozinhar a arrumar a casa, de aprender a mexer na internet a molhar as plantas. Essa reviravolta serviu, entre outras coisas, para que o ator passasse a ser notado por uma geração que prefere dizer que ele protagonizou um “plot twist”.

Quem se interessou mais por conhecer a carreira desse exímio criador de tipos marcantes pode sintonizar no canal Viva a partir de amanhã, quando começa a ser reprisada a novela *Amor com amor se paga*, escrita por Ivani Ribeiro em 1984. A oportunidade é ótima para conhe-

cer (ou rever) seu Nonô Correia, personagem brilhantemente interpretado por ele no folhetim.

Ary, injustamente, é ator de poucos protagonistas. Esse é um deles. Inspirado em *O avaro*, de Molière, seu Nonô era mesquinho e guardava num esconderijo um verdadeiro tesouro. Para não dar na vista, levava uma vida simples, sem aproveitar o que aquela fortuna poderia proporcionar a ele. Na novela, ele ainda fazia dobradinha com a excelente humorista Berta Loran (outra preciosidade da nossa cultura).

Nonô Correia marcou a carreira de Ary Fontoura — muita gente ainda o identifica com o personagem — e abriu caminho para uma galeria de tipos impagáveis, como o prefeito Florindo Abelha, o seu Flô, de *Roque Santeiro* (1985); Romeu, de *Hipertensão* (1986); e o coronel Arthur da Tapitanga, de *Tieta* (1989), só para ficar nos anos 1980.

Atores como Ary Fontoura não envelhecem, não passam da época. É sempre muito bom rever e ver esses consagrados nomes em cena. Este ano, ele já apareceu na telinha na delicada construção de um paciente que se descobre portador do HIV na terceira idade em *Sob pressão*. Moderno, não?

Liga

Que saudades de ver um bom texto na novela das 21h! Lícia Manzo mandou bem demais nos primeiros capítulos de *Um lugar ao sol*. A trama promete e alguns atores já mostraram que estão prontos para brilhar. Cauã Reymond, Alinne Moraes e Ana Beatriz Nogueira são “chover no molhado”, mas quem esteve muito bem também foi Juan Paiva no papel de Ravi. Pode anotar!

Desliga

Na carona da proximidade do Dia da Consciência Negra, a coluna não pode deixar de criticar o tom abolicionista dado a Dom Pedro II (Selton Mello), a Princesa Isabel (Giulia Gayoso) e a condessa de Barral (Mariana Ximenes) em *Nos tempos do imperador*. Com tanta gente na família imperial a favor da abolição, o Brasil demorou tanto a acabar (teoricamente) com a escravidão? Licença poética tem limite. Ou não?